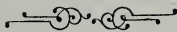
ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA

I

A Estação Archeologica d'Alvarelhos

POR

José F. R. Fortes Junior

Socio effectivo da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes

PORTO

TYPOGRAPHIA CENTRAL

172, Rua das Flores, 176

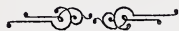
1899

A ESTAÇÃO ARCHEOLOGICA D'ALVARELHOS

I

A Estação Archeologica d'Alvarelhos

POR

José T. R. Fortes Junior
Socio effectivo da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes

PORTO
TYPOGRAPHIA CENTRAL
172, Rua das Flores, 176
1899

A

A. A. Rocha Peixoto,

o eminente ethnographo,

Off.

O Auctor

I

MONTE de S. Marçal, um dos contrafortes da Serra de Santa Eufemia, fecha a sudoeste o valle d'Alvarelhos, em meio do qual se ergue cingindo a vetusta matriz o casario branco da antiga freguezia de Santa Maria d'Alvarelhos [1], de que foram outr'ora donatarios os condes d'Alva.

Ao sopé do monte serpeia um dos tributarios do rio Ave, um ribeirosito pobre d'aguas que toma o nome do valle por onde se escoa murmuroso.

O S. Marçal, alto cone granitico de abruptas e escabrosas vertentes, hoje cobertas de basta vegetação d'alto porte

---

[1] Nas «*Enqueriçoões sobre as honrras e deuassos tiradas per apariço gonçaluez. E confirmadas per Sentença dellrrey*» (D. Diniz) lê-se que a «*freeguesia de sancta Marya daluarelhós*» pertencia ao julgado da *Maya*. Hoje pertence ao concelho de St.º Thyrso.

Nas inquirições diz-se ainda que na freguezia havia um couto de «*palmazaãos*» dos filhos de «*Ruy gonçaluez babillom*»; uma «*honrra*» do «*paaço de Çidoy com sus herdades* (ou «*termo de Cidoy*», «*villa de Çedoy*» ou «*acasa que chamam de Çidoy*); e «*quatro casaaes de sam saluador da torre*» O «*paaço*» era «*defilhos dalgo*» e o termo de Çidoy partia com «*orregueengo dellrrey daluarelhos pella ANTA que estaua so* (sob) *Çidoy anteque cheguem aorryo aqual dirribárom os caualeyros depois que andarom em demanda com ellrrey sôbrella jgreia*»

(CORPUS CODICUM LAT. ET PORT.—LIVRO GRANDE DO MUNICIPIO DO PORTO)

Ainda hoje existem os logares ou aldeias de Cidoi e Casaes; de Palmazão não ha noticia.

e d'arruamentos de suave declividade, por onde é muito accessivel a cumeada, está no lugar do Crasto e constitue em grande parte a area da esplendida quinta de Paiço, cujo dominio pertence actualmente ao Ex.mo Snr. Bernardo Leitão, da cidade do Porto (2). Pelos seus flancos a rocha aflora o solo a cada passo, furando o manto de terra humosa que veste todo o monte (3).

Para oeste e sudoeste o monte de S. Marçal liga-se ao systema orographico da Serra de St.a Eufemia por uma larga garganta, que o destaca dos visinhos montes Grande e Lagar de Mouros. N'esse collo, que vem descendo e estremando os montes até ao valle, assentam as raras choupanas, que constituem a aldeia de Sobre-Sá ou logar dos Aidos, parte integrante da parochia d'Alvarelhos.

Até 1834 a reitoria alvarelhense era da apresentação das benedictinas do visinho mosteiro de S. Salvador de Vairão. E foi decerto uma abbadessa d'este convento extincto que mandou erigir a ermida de S. Marçal, na corôa do monte.

A modesta capella cae em ruinas como a fé vivida que alentou os constructores. No lintel da porta já apeado ainda li a inscripção que transcrevo fielmente:

ESTA OBRA MA
NDOV ERIDIF
ICAR ABBADSA 1605
DNA ANA DMENDSA

---

(2) E' n'esta quinta que se guarda o milliario da estrada romana de Braga a Lisboa, do tempo do imperador Hadriano, ao qual faz referencia M. Capella *in* «*Milliarios do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*», pag. 58 e 132.

—Velho Barbosa (*Memoria historica do Mosteiro de Leça do Balio*—Porto 1852) deriva o nome da quinta, que tambem appellida—de *Painço*, do termo grego *Pdizo*, que «significa *more puerorum... ludo, salto*—isto é, brincar, saltar ao modo dos meninos»! (pag. 79 e 83.) Não será mais regular entroncá-lo na palavra Paço?

(3) Em vão tenho procurado as gravuras que frequentemente apparecem insculpidas na penedia perto dos castros, taes como—a *swasttca*, o *mahadeu*, as *covinhas*, os *circulos concentricos*, a *espiral* e os outros signaes gravados que cita Martins Sarmento na *Revista de Guimarães*, na *Renascença*, no *Relatorio da Expedição scientifica á Serra da Estrella em 1881—Secção d'Archeologia* e na *Portugalia*, T. I. pag. 12.

As ruinas da ermidasinha, cuja construcção talvez fosse determinada pela necessidade da christianisação d'um culto pagão, vieram sobrepôr-se aos destroços d'um *castro luso-romano*.

Os miserrimos tugurios de Sobre-Sá vieram exhibir os andrajos sobre a carcassa desfeita d'uma cidade, que o furacão das invasões post-romanas desmantelou!

*

Ao monte de S. Marçal andam ligadas tradições e lendas, que o meu collector, um forte mocetão minhôto, me tem referido com irreverentes sorrisos de sceptico, como de quem já apostatou da fé *cyprianista*.

Ali, dizem, junto de crespa rocha e sob a derruida capella jazem thesouros occultos, entregues á vigilancia de moura encantada.

A «*bicha-moura*», formosa filha de Mafoma, de compridas tranças d'ouro, só os areja em noutes claras de S. João. ([4])

Houve já um ousado que traçou na terra a curta distancia do penedo o *signo samão!* Em balde, que o encanto resistiu a tão estupenda audacia, e os thesouros lá continuam soterrados e inencontraveis... Cava-se, revolve-se a terra com frenesi a enchada, a alvião—n'um trabalho insistente, suado—mas improficuo que afinal os instrumentos só arrastam cacos, muitos cacos e pedras, n'uma abundancia desesperadora!...

A enraizar a crendice vem de quando em quando o achado furtuito de moedas de prata e bronze, que para logo desapparecem quasi sem deixar rastro ([5]).

([4]) A mesma lenda se repete com leves cambiantes a respeito d'outros castros, como o da Rocha Forte (concelho do Cadaval).

([5]) Ha pouco o *rodeiro* d'um carro esmigalhou n'uma cangosta de Sobre-Sá uma panella de barro com grande numero de moedas. O facto foi-me confirmado pela mãe do achador: mas cheguei tarde, porque as «melhores» vendêra-as e as «safadas e quebradas semeára-as ahi pelos montes...»!

—E' tambem tradição antiga que do alto de S. Marçal desce até ao rio Ave uma passagem subterranea, pela qual os *mouros* levavam os cavallos a dessedentarem-se. Ainda ninguem lobrigou as entradas da mysteriosa mina; mas a sua existencia é verdade incontroversa, que, presumem, o acaso ha-de confirmar um dia [6].

Como infelizmente quasi sempre acontece, teem sido os anonymos pesquisadores de thesouros os unicos exploradores da estação archeologica de Alvarelhos. Nem mesmo dá conhecimento d'ella a moderna litteratura da especialidade, pelo menos a de que tenho conhecimento [7].

Favorecido pelo acaso, o prestimoso collaborador dos archeologos, e valendo-me dos mingoados subsidios até agora ministrados por umas vallas abertas em Sobre-Sá e na corôa do monte de S. Marçal, vou tentar supprir a lacuna, sem pretenções d'exgotar o assumpto nem de exhibir dados preciosos ou informações originaes.

---

[6] E' realmente possivel que exista a passagem, como se averiguou existir na citania de Briteiros. Confr. *O Archeologo Portuguez, I*, pag. 95.

[7] Apenas a *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal* do P.e Antonio Carvalho da Costa (2.a edic. Braga—1868) adverte a pag. 324, T. I, que perto da ermida de St.a Eufemia, freguezia d'Alvarelhos, se veem as ruinas d'uma cidade antiga, e Velho Barbosa, *loc. cit. in* nota [2] diz constar-lhe que no monte proximo da quinta de Paiço se encontram vestigios de casas, ruas, instrumentos bellicos, etc., «o que mostra que ali houve povoação talvez romana». E é tudo...

Nem Pinho Leal, que tantos restos de povoações luso-romanas regista no *Portugal Antigo e Moderno* (v. Alvarelhos); nem Christovam Ayres, que na *Historia do exercito portuguez*, vol. I, tenta uma resenha systhematica dos castros d'Entre-Douro e Minho e falla expressamente da região d'entre o Ave e o Leça, mencionando o castro do Boi, da freguezia da Retorta (não longe da de Alvarelhos); nem o erudito archeologo dr. Martins Sarmento nos seus largos trabalhos sobre a archeologia do norte—descrevem ou se referem ao menos ao castro alvarelhense.

II

ÃO era muito amplo o castro d'Alvarelhos, alcandorado como ninho d'aguias na cumieira do monte de S. Marçal.

Cintando a aresta exterior do planalto evidentemente artificial, ainda se distingue o tecido da muralha com espessura variavel, oscillando entre 1,^{m}20 e 2,^{m}50. O muro, que já não se eleva ao terreno interior, é feito de blocos irregulares de granito; e auxiliaria a defeza militar do castro pelos lados do norte, oeste e sudoeste para onde são menores o escarpamento e a extensão das vertentes.

Não encontrei vestigios de segunda muralha em todo o monte; nem mesmo para o lado do sudoeste, em que se estabelece por intermedio da garganta de Sobre-Sá a ligação com os montes fronteiros. Era por ali o lado vulneravel do castro; parece, pois, que a estrategia exigia uma segunda obra de defeza — muralha ou fosso. Nem uma nem outra cousa apparece, ou que o amanho da quinta lhes apagasse os vestigios ou que a necessidade d'ellas não se fizesse realmente sentir, como nos parece a nós.

A ausencia de fosso não é de resto muito estranhavel, porque é o normal na generalidade dos castros d'uma só muralha (8).

(8) Christ. Ayres, obr. cit. *in* nota (7).

Não descobri tampouco quaesquer restos das solidas calçadas, que sahindo dos castros irradiavam em diversas direcções, como as que, volvidos tantos seculos, ainda se admiram nos montes de S. Romão, de Sabroso e do Castêllo (Bouças).

—Pela singeleza das obras defensivas o castro de Alvarelhos deve, pois, classificar-se sob o ponto de vista militar como pertencente ao 1.º typo, adoptando a divisão de Christovam Ayres (9).

Devia fazer parte da linha estrategica de defeza ao sul do Ave, em correspondencia mais ou menos directa com os castros do Boi, da freguezia da Retorta, de Vairão e do Castêllo (da Maia), onde o onomastico indicia a existencia d'um pequeno forte proto-historico.

Velho Barbosa (10), que não explorou nem mesmo viu o monte de S. Marçal, é d'opinião que, «sendo este sitio tres ou quatro legoas distante de Calle»... «ahi seria alguma povoação romana, aonde descançariam as tropas, que d'aquella povoação marchassem para Braga».

A estação archeologica d'Alvarelhos teve, porém, maior importancia, a meu vêr. São por emquanto em pequeno numero os documentos reunidos para escrever-lhe a historia; mas, se não dão para basear um inquerito minucioso á sua vida intima e social, parecem-me de sufficiente força probatoria para definir os traços geraes da ethnographia dos povos, que ali se succederam.

Estudemo-los, pois.

*

Os primeiros em valia e authenticidade são algumas moedas romanas, encontradas no monte de S. Marçal e salvas da sorte obscura das suas irmãs.

N'uma collecção de sete só pude decifrar as legendas de quatro, fazendo saltar a crosta d'uma espessa *patine*, cuja

(9) Obr. cit., pag. 408.
(10) Obr. cit. *in* nota (2), pag. 79.

camada externa era de côr acobreada e a interior esbranquiçada e durissima, d'aspecto betuminoso.

Nas restantes o metal soffreu uma tão grande alteração molecular que se fragmenta e se reduz a pó negro sob o menor esforço para o levantamento da *patine*.

As decifradas são eguaes, do tempo do imperador Cesar Augusto (2. a. ant. de J. Christo). Descripção:

De prata. *Anv.* A cabeça laureada do imperador á direita. *Legenda:* CAESAR AUGUSTUS DIVI F. PATER PATRIAE.

℟—Caïus e Lucius de pé, cada um segurando uma lança e um escudo; no campo o simpulo (11) e o bastão d'augur. *Legenda:* C. L. CAESARES AUGUSTI F. COS. DESIG. PRINC. JUVENT. (12)

Appareceu ainda um pequeno bronze com o diametro de 0,m021 e o pezo de 2,gr7 — oxidado, falhado, gasto, e ainda assim muito importante por fornecer um dado chronologico interessante para a fixação do tempo d'existencia do castro. Descripção, conforme se me affigura atravez da *lupa:*

Anv. Busto laureado de imperador á direita com a couraça. *Legenda:* IMP CONS...; e por fóra um incompleto circuito granulado.

℟ O sol radiado, semi-nú, de pé, á esquerda, com couraça e paludamento (13), levantando o braço direito e sustentando um globo na mão esquerda; em volta a legenda: SO... VICTO COMITI; no exergo R. S. (14). Parece de cunhagem excentrica.

Possuo ainda um medeo bronze do monte de S. Marçal, tão gasto pelo attrito e carcomido pela oxidação que mal

---

(11) *Simpulum* — colher de comprido cabo, com que nos sacrificios se tirava da *cratera* pequena porção de vinho para as libações.

(12) Cohen, *Description historique des monnaies frappées sous l'empire romain, communement appellées médailles impériales,* vol. I, n.º 87, pag. 52.

(13) *Paludamentum* — manto militar dos genéraes e officiaes superiores.

(14) Cohen, obr. cit. in nota (12), vol. 6.º, n.ºs 460 ou 470, pag. 157 e 159. As legendas da moeda devem completar-se d'esta forma: IMP. CONSTANTINVS AVGVSTVS e SOLI INVICTO COMITI—R. S.

pode ser interpretado. Parece-me no emtanto do imperador Trajano.

Pela aldeia de Sobre-Sá apparecem tambem frequentemente varias moedas romanas, as quaes são como as do castro um attestado authentico da permanencia n'estes sitios dos dominadores do mundo antigo.

—A fortaleza d'Alvarelhos devia, pois, ter sido habitada pelo menos até ao quarto seculo da era christã como o foi a citania de Briteiros: certifica-o assim o pequeno bronze de Constantino, cujo decesso é fixado no anno 337. ([15])

A testemunhar ainda o longo e perduravel influxo da civilisação romana apparecem no monte de S. Marçal e em Sobre-Sá em profusão extraordinaria—pedaços de telhas curvas *(imbrices)* e chatas com rebordo *(tegulae)*, de que eram simultaneamente formadas as coberturas *(tecta imbricata)* dos edificios romanos *(domi)*.

As *tegulae*, é sabido, podiam ser de marmore, de bronze ou d'argilla. Só d'esta ultima materia prima as tenho encontrado na estação alvarelhense, e em todos os tons da côr vermelha, mais ou menos intensa. Conserva-se uma na casa de Paiço, exhumada do monte de S. Marçal em perfeito estado de conservação. Merece descripção minuciosa, por não me parecer frequente acharem-se exemplares tão perfeitos.

O telhão tem forma trapezoidal, que era a especial das *tegulae* para que o topo menor d'uma entrasse e se adaptasse bem entre os rebordos do topo maior da seguinte na mesma fiada, sobrepondo-se-lhe ainda em parte.

Para facilitar o encastramento faziam nos rebordos junto ás extremidades da *tegula* chanfros em angulo; no topo maior pela parte superior dos rebordos, no menor lateralmente de modo a diminuir a espessura d'estes e consequentemente a largura da telha.

As dimensões do telhão que descrevemos são: comprimento—0,^{m}615; largura abrangendo os rebordos—no topo

---

([15]) Os pequenos bronzes de Constantino I foram cunhados no principio e no meado do reinado d'este imperador.
V. *Portugalia*, T. I, pag. 6, nota.

maior 0,m41, no menor 0,m365, entre os rebordos na parte medea 0,m34; altura do rebordo — lado externo 0,m05, lado interno 0,m015; largura do chanfro lateral 0,m065, altura do superior (topo maior) 0,m041.

Desenham-se na superficie superior da *tegula* curvas irregulares, impressas com os dedos na pasta ainda fresca — talvez as marcas figulinas do oleiro ([16]).

Das *imbrices,* destinadas a cobrir os rebordos contiguos de *tegulae* juxtapostas, não pude colher exemplar intacto; os numerosos pedaços encontrados revelam os mesmos caracteres industriaes das telhas de rebordo.

— Parece-me poderem tirar-se das observações expostas duas indicações interessantes:

a) Na estação alvarelhense haveria a industria da olaria; — tal é o estado de perfeita conservação e de não uso, em que se apresenta a *tegula* descripta.

b) As casas do povoado não deviam ser conicas ou fechadas com abobada, como em tempo se sustentou terem sido as dos castrejos indigenas. Não invalida a conclusão a descoberta no castro de S. Miguel-o-Anjo (Azere) d'uma insignificante construcção dependente de casa circular, que foi coberta com abobada d'avançamento ([17]).

E, fallando das casas primitivas, é ensejo opportuno para descrever os restos d'uma, exhumados ha muito pelos ante-possuidores da quinta de Paiço ([18]).

Estava na encosta do monte, a sudoeste. Era circular com o diametro interno de cêrca de 3,m20 e por isso de menor capacidade que as congeneres do castro de S. Miguel-o-Anjo e da citania de Briteiros, cujos diametros alcançam respecti-

---

([16]) Em Guifões as *tegulae* apresentam identicas impressões digitaes, sem uniformidade no desenho.

Sempre que me refiro a este castro, valho-me dos elementos d'estudo reunidos pelo distincto ethnographo e eminente escriptor Rocha Peixoto. *Suum cuique...*

([17]) *O Arch. Port.*, I, pag. 165.

Esta especie d'abobada era já empregada pelos proto-Chaldeus. E. Babelon, *Archéol. Oriental.*

([18]) Não pude por isso averiguar se no desentulho se encontraram objectos d'importancia archeologica.

vamente a $3,^{m}70$ e $4,^{m}77$ ([19]); assenta directamente na rocha viva; e conserva apenas parte da primeira fiada do apparelho, faltando-lhe a da frontaria, em que devia rasgar-se a porta, talvez orientada a leste. Por fóra e medeando o intersticio de $0,^{m}65$, corre uma parede parallela de curta elevação, a qual forma o resguardo da vertente do monte ([20]). Faz lembrar a disposição d'algumas casas citanienses com a só differença de que a construcção circumscripta é em S. Romão de forma quadrada.

A fiada da casa de S. Marçal é d'altura variavel, conforme as dimensões das pedras pousadas de cutello, a maior das quaes chega a ter $0,^{m}72 \times 0,^{m}54$.

O apparelho é, como em Briteiros, polygonal e de duas folhas independentes e destramadas, sendo as pedras do paramento interior muito mais meúdas que as do externo, e parecendo que algumas d'estas foram collocadas com sensivel obliquidade em relação á linha de prumo.

A parede da casa differe da de S. Miguel-o-Anjo na espessura, que é superior ($0,^{m}50$), e na ausencia de *rachas* ou *rebos* nas juntas; as pedras, apparelhadas tanto para o lado interior como para o exterior do muro, juxtapõem-se medeante leve camada d'argamassa, em que me parece entrar o saibro. Não encontrei vestigios d'emboço interno ou externo.

Falham, pois, bastante os elementos d'estudo nos restos d'esta construcção. Nem é estranhavel pensando na sua situação dentro de uma quinta tão esmeradamente tratada. Como ladeam um arruamento moderno, as pedras complementares do edificio seriam ha muito removidas, de modo que é impossivel hoje averiguar a altura da casa e da porta, o systhema das soleiras, pilares ou hombreiras e do silhar, se estas pedras

---

(19) A exiguidade de dimensões, a simplicidade da construcção e o emprego de materiaes grosseiros são outros tantos caracteristicos communs das habitações primitivas. Assim a antiga casa hellenica era acanhada e modesta; mostram-no os restos das habitações da Arcadia, Syracusa, Athenas, etc. (Max Collignon — *L'archéol. grecque).*

(20) Confr. *O Arch. Port.*, I, pag. 164.

eram ornamentadas, como jogava a porta ([21]), e, emfim, todas as demais particularidades de construcção que tão interessante seria conhecer.

— Com os poucos dados colhidos affigura-se-me, porém, não ser arrojado concluir que as casas alvarelhenses obedeciam ás mesmas regras geraes d'architectura que dirigiram os constructores de Sabroso, da citania de Briteiros, de St.ª Iria de Roriz e de S. Miguel-o-Anjo. E o que se vê ainda é que a casa circular era a favorita do homem proto-historico do norte da peninsula. Na Italia, na Gallia, nas cidades lacustres da Suissa e na Inglaterra apparecem tambem ruinas de casas identicas. M. Sarmento attribue-as á civilisação mycenia.

Da acanhada casa de S. Marçal, modesto estadio do progresso material da povoação d'Alvarelhos, vamos a Sobre-Sá, onde uma valla pôz a nú uma peça architectonica, indiciadora de maior avanço na arte de construir.

E' uma base de columna *(spira)*, de estylo greco-romano, comprehendendo ainda um troço do fuste *(scapus)* que tem o diametro de 0,ᵐ30; pertence á ordem dorica.

Sabido é que os gregos e os romanos nunca empregaram a columna até á decadencia da arte architectonica senão como elemento essencial, necessario á estabilidade da construcção, e não como simples accessorio ou ornato superfluo. E', pois, certo que o povoado de Sobre-Sá avançou tanto que chegou a erigir edificios, em que entrava a columna como elemento primordial da construcção.

E não pode duvidar-se de que a *spira* descoberta seja obra de artifice orientado nos ensinamentos da arte romana, pois que bem romanos são os objectos exhumados conjunctamente com ella.

Concluir d'uma base de columna para um edificio sumptuoso como um *domus romanus* parecerá arrojo e imprudencia só a quem não tiver presente que outras cidades extinctas,

---

(21) Naturalmente em *couções*, como em Briteiros se usava e ainda hoje se usa tão frequentemente no Minho.

como Bobadella ([22]), e até simples *villas* romanas da peninsula estadeavam galas architectonicas, que bem se explicam pelo sentimento de grandeza em que se comprazia o povo do Latium ([23]). Demais outras provas se encontram em Sobre-Sá dos habitos luxuosos dos seus habitantes.

Da valla rasgada no terreno dos Aidos sahiu ainda muita pedra solta, d'entre a qual chama a attenção alguma esquadriada regularmente.

Apparecem pedras semelhando trechos de fustes, em que a secção transversal superior tem apparelho regular, e a inferior se apresenta tosca, quasi sem trabalho intencional, como que destinada a ser cravada no sólo para o todo servir de sustentaculo a qualquer construcção, á base d'uma columna, por exemplo.

Encontrou-se ainda uma especie de pia cavada em pedra de forma ovalar e com dous rasgos na direcção do eixo maior da oval, um em cada extremidade, descendo até ao nivel inferior da superficie interna da pia.

A' mistura acharam-se em relativa profusão as duas mós de atafonas de mão *(mola manuaria* ou *trusatilis),* do tão conhecido typo dos nossos castros. As mós *dormentes* *(meta)* como quasi sempre perfeitas, bem que muito gastas pelo attrito; as que examinei são de granito e de alturas e diametros variaveis ([24]). Das mós superiores *(catillus)* não apanhei um só exemplar completo.

As mós de Sobre-Sá, como as de Guifões, differem dos modelos pompeianos na altura, que n'estes é superior, e na parte terminal do cone da *meta,* que nos exemplares indigenas apresenta uma cavidade de cêrca de 0,^{m}04 e nos romanos um espigão para manter o *catillus* em posição invariavel.

([22]) *Relatorio da Expedição Scient.*, cit. *in* nota ([3]).
([23]) *L'archéologie étrusque et romaine*, por J. Martha, pag. 131.
([24]) Tomei a medida dos diametros de tres, que foram arrecadadas no *quinteiro* de Leopoldino da Silva, Aidos; a menor tem 0,^{m}32, outra 0,^{m}35 e a maior 0,^{m}44. Esta é d'uma especie de granito, que não se encontra *in loco.*

— Registrando o achado das mós, não quero mostrar que este elemento do mobiliario caseiro foi recebido dos dominadores romanos. Todos sabemos que a atafona manual é uma conquista do homem prehistorico, de quem, a meu vêr, os castrejos indigenas a herdaram por successão legitimaria. E d'ahi talvez as divergencias que se notam nos dous typos pompeiano e castrense.

No cabeço do S. Marçal, como nas encostas e em Sobre-Sá topa-se a cada momento com innumeros fragmentos de ceramica *(fictile)*; com as *tegulae* e as *imbrices* apparecem pedaços de tijolos *(lateres)*, de vasilhas com forma, dimensões e de qualidades diversissimas desde o possante *dolium* e a elegante *amphora* até aos vasos mais diminutos; de ansas, fundos rasos, concavos e conicos, bocaes, etc. Mas tudo em tal fraccionação que denuncia logo a acção inconsciente do avido pesquisador de thesouros ou a passagem dos instrumentos agricolas, pondo em toda a parte um cahos inextrincavel. Tem-se revolvido a terra até grande profundidade; por isso me não foi ainda possivel reconstituir uma só peça de ceramica. Se um ou outro fragmento dá a impressão da linha geral do vaso, nenhum permitte a classificação rigorosa. As qualidades, porém, de certas pastas e as formas que se esboçam mais ou menos vagamente, convencem de que estamos em presença de louça luso-romana.

Os cacos apartados para estudo são de grosseira olaria ou de ceramica fina e aprimorada; mas em todos se revela o emprego da *rota figularis* e de argillas figulinas diversamente coloridas.

Ha-os de barro negro em toda a estructura da pasta, muito friavel, mal peneirada, cheia de mica e grãos siliciosos; a cosedura má, irregular, feita talvez ao ar livre. Com quasi os mesmos caracteres, mas apresentando differença na côr da argilla — cinzenta ou vermelha com diversas cambiantes — apparecem outros em que a cosedura ainda não é completa, mostrando a secção da pasta tres zonas, a central carregada no tom e as lateraes junto ás faces interna e externa do vaso muito mais claras.

A pasta d'outros menos micacea, de barro mais escolhido mas ainda misturado com muitos grãos siliciosos, é dura e bem cozida; as côres da argilla vão desde o cinzento até ao vermelho vivo; o fabrico é mais cuidado.

Finalmente encontram-se barros coados, sem mica nem quartzo; cozedura completa, polido perfeito. As paredes dos vasos adelgaçam-se. Predomina a argilla vermelha.

N'estes incluo duas variedades de vasilhas: Louças pintadas a vermelho, como em Guifões, e não polychromas como em St.ª Olaya; e, como n'um e n'outro d'estes castros, a celebre louça chamada impropriamente *samianna* ou *arentina,* que é afinal imitação grosseira dos notaveis vasos d'Arezzo, cujo fabrico data do 1.º seculo antes de J. Christo.

Specimens d'esta mesma louça encontram-se com frequencia em França, Hespanha, Inglaterra, no Rheno, ao norte d'Africa, em toda a parte emfim onde se fez sentir a dominação romana.

Pasta vermelha, fina, compacta, muito homogenea, bastante dura, com verniz do tom do coral ou do lacre vermelho — taes são os caracteres geraes da ceramica *sagillata.* A ornamentação, quando a tem, é relevada ou impressa na pasta: em relevo — cercadura de perolas e d'ovalos, festões, grinaldas, folhagens, fructos, animaes, Amores e scenas de dança, vindimas, combates; lembrando ás vezes a mythologia galante das pinturas pompeianas com um estylo accentuadamente grego: a impressa — pontos, linhas cruzadas e polygonaes, circulos, etc.

Quasi sempre estampilhada nos fundos com o nome do oleiro em relevo, esta louça prima pela simplicidade e elegancia de formas. Nunca tem ansas, e, apesar d'esta singularidade, servia para complexos usos domesticos [25].

Os fragmentos apanhados em Sobre-Sá não conteem nem ornamentação, nem marca figulina.

Em toda a estação alvarelhense ha immensa variedade de fundos de vasilhas; alguns *planos* e d'entre estes um de

---

[25] *La céramique ancienne et moderne,* por E. Guignet e Edouard Garnier.

argilla coada, de côr cinzenta, todo estriado de linhas curvas regularmente traçadas; outros *concavos* como na louça pintada e na *arentina;* e, emfim, outros *conicos,* reforçados interiormente, parecendo pertencerem a *seriae* ou amphoras ([26]).

Notei tambem grande diversidade de *ansae* — finas, cylindricas, n'uma louça preta, muito polida; outras com a mesma forma, mas de maior espessura e d'argilla vermelha; algumas achatadas, de largura e espessura variaveis, com um sulco central a todo o comprimento ou sem elle, como na olaria grossa.

Os bocaes variam infinitamente — desde o mais singelo até ao mais complicado, de bom desenho.

Com a ornamentação da louça fui menos feliz. Não fallando d'uma singelissima que se nota em alguns vasos e consiste apenas n'um traço circular gravado na pasta em plano parallelo e pouco distante do bocal, devo descrever a de um caco de pasta grosseira, micacea e com bastantes grãos siliciosos. E' tambem impressa; e reduz-se a dous traços circumdantes, ambos equidistantes do bocal, e na zona por elles limitada uma serie d'angulos de lados parallelos e com os vertices na linha medea. Simples e rude...

N'outro caco de fina argilla cinzenta, bem coada e lustrada, a ornamentação não passa de traços obliquos, irregulares e pouco profundos; n'outro, de boa argilla clara, consiste em linhas circulares e por baixo uma outra polygonal, d'angulos muito agudos; n'outro, emfim, reduz-se a fitas d'argilla com impressões digitaes dispostas aos lados alternadamente. Esta ultima decoração é interessante, porque ainda é muito usada nas olarias do norte em talhões, fogareiros, etc., e já vem de remotos seculos, da louça neolithica.

Tentando descrever a ceramica alvarelhense, mencionarei ainda uma collecção de 9 pesos de balança *(pondera).* A argilla é vermelha; a pasta, bem cosida, mostra grande

---

([26]) O fundo plano ou chato representa um progresso industrial; a louça neolithica tinha fundos concavos. Os conicos, como os das amphoras, são posteriores aos planos.

quantidade de grãos siliciosos. A forma é prismatica, em parallelipipedos e pyramides truncadas de base rectangular, com as arestas já pouco vivas por attrito prolongado; atravessa-os na parte superior um orificio circular de cêrca de 0,^{m}01 de diametro.

Nada, pois, offerecem de notavel: com os mesmos caracteres encontram-se frequentemente n'outras estações archaicas. (27).

Até aqui o esboceto da ceramica por mim achada em Alvarelhos. Não devo, porém, omittir a referencia a um pequeno vaso de barro ordinario de 0,^{m}14 d'altura, sem ansas, e em perfeito estado de conservação, que por mero acaso encontrei no Museu municipal do Porto. Lê-se n'um quarto de papel, que estava enrolado dentro do vaso, que foi um «achado feito no fim de maio de 1826»... «a um quarto de legoa afastado do monte em Alvarelhos» e que «appareçeram juntamente mais peças todas de barro, que o dono do campo e trabalhadores com receio de moura encantada fizeram em migalhas». Pelas indicações topographicas não é possivel identificar o local do achado com a estação, que estudamos. Era no emtanto para registrar a referencia que se faz a Alvarelhos.

De resto o vaso parece dever classificar-se como votivo, podendo crêr-se que estaria em alguma sepultura destruida inconscientemente pelos trabalhadores.

Em toda a area explorada em Alvarelhos encontram-se muitos seixos rolados com manifestos indicios de terem sido utilisados como percutores e alguns como polidores. Pelos resultados colhidos em todas as explorações de castros, parece poder assentar-se em que o seixo rolado faria parte da alfaia domestica, talvez até como legado tradicional das civilisações pre-historicas, em cujas estações se encontra não raramente. Demais é bem sabido que o seixo tinha no meio latino com-

---

(27) V. «O Arch. P.», I, pag. 105, onde foi publicada a gravura d'um *pondus* igual. Rocha Peixoto encontrou-os identicos no castro de Guifões.

plexas applicações caseiras; e até para o exercicio de funcções sociaes era empregado.

Objectos de metal apparecem poucos: de bronze apenas o resto insignificante d'uma *fibula;* de ferro o carcomido fragmento d'um *culter coquinaris* (?)

E no emtanto em Sobre-Sá a cada momento se topa com escorias de ferro, parecendo indicar que a metallurgia não seria uma industria desconhecida n'aquella estação.

Esperemos, porém, que o sub-solo de Alvarelhos com projectadas excavações revele os segredos que por certo ainda encobre sobre o passado mysterioso da povoação ali sepultada.

III

tempo de tirar algumas conclusões provisorias dos elementos parcellares até aqui estudados em detalhe.

Ante essas reliquias d'um passado longinquo, acodem de prompto ao espirito menos especulativo as embaraçosas questões:

— Que povoação foi esta que de si deixou tão significativos attestados?

—Como se operaria a sua genese, a sua evolução?

—Como se extinguiria?

O que resalta logo do estudo d'esta, como do de congeneres estações archeologicas, é que se deu ali a collisão de duas civilisações bem differenciadas: uma indigena, elaborada lentamente no cadinho de longos seculos, em que se fundiram elementos carreados por migrações successivas; outra — a romana — que veio sobrepôr-se á anterior e infiltrar-se-lhe profundamente sem no emtanto lhe delir todos os caracteristicos. A estação alvarelhense nasceria com a primeira, evolucionaria com a segunda e extinguir-se-hia talvez com o desapparecimento d'esta na peninsula.

Houve uma phase na vida primitiva dos peninsulares, em que a preoccupação obcecante devia ter sido a obtenção d'um refugio onde as condições physicas do terreno comple-

tassem os rudimentares elementos de defeza individual e collectiva contra a aggressão de familias inimigas.

Um cerro elevado e de vertentes escabrosas, inaccessiveis era, pois, o local d'eleição para seu abrigo; se uma das encostas menos declivosa podia favorecer o assedio, tecia-se uma rude muralha ou rasgava-se um fosso que temperassem a vulnerabilidade natural da pequena acropole.

No momento d'alarme tudo se abrigava lá em cima — homens, animaes, alfaias; e o esforço humano casava-se com as difficuldades topographicas para a defeza, pouco superavel para quem não dispunha de melhores meios d'ataque e mais completas noções de tactica militar.

Sob o influxo d'estas idêas devia ter nascido o castro d'Alvarelhos.

Um *clan* celta ou ligure ([28]) fortificou-se na cumeada em tempos preromanos, para se defender das incursões de visinhos *duns* d'um *pagus* inimigo.

Crescendo em numero a povoação ultrapassou o circulo demasiado apertado das primitivas muralhas e foi alastrando e irradiando encosta abaixo, expandindo-se de preferencia na direcção sudoeste em trajecto da garganta de Sobre-Sá, onde finalmente se espraiou com liberdade e progrediu com mais intensidade.

Nas primeiras phases d'esta expansão veio cêdo surprehende-la a dominação romana. Talvez que não se lhe oppozesse resistencia tenaz que as condições defensivas do *castro* não eram de molde a servir velleidades d'independencia.

Depois amaciadas as asperezas do caracter indigena, pouco atreito a domar a cerviz ao conquistador, começou de accelerar-se o progresso material do povoado de Sobre-Sá. O castro, talvez já desmantelado, não deixa de ser habitado; mas é para o sitio dos «Aidos» — na planura — que se desloca o nucleo da povoação.

A rude e asphyxiante casa circular é substituida por construcções mais confortaveis e luxuosas; a louça grosseira

---

([28]) Nenhum objecto appareceu até agora em Alvarelhos, que nos auctorise a fazer remontar a origem do *castro* a eras mais afastadas.

e d'ornamentação barbara pela fina taça *arentina*. Desenvolvem-se o commercio e a industria, a que pedem satisfação as necessidades facticias criadas no remanso da pacificação da peninsula.

E a cidade de Sobre-Sá vae assim evolucionando até ao seculo 4.º.

Mais tarde, causas perturbadoras — talvez as invasões post-romanas — fazem entrar com ella a decadencia.

Inicia-se um periodo de grandes convulsões na peninsula; o velho mundo latino estala e rue com fragor. Ora do norte ora do sul, elementos de poderosa transformação surgem successivamente. As antigas cidades desmoronam-se, arrazam-se. Erigem-se outras sobre a necropole das anteriores, mas o ferro e o fogo de assedios successivos aniquilam-nas tambem quasi logo...

A povoação de Sobre-Sá não resistiu á tormenta.

Finou-se; e a sua ossatura mal inhumada ainda hoje nos falla do passado brilhante...

*

Do 4.º seculo em diante, perdido o fio que nos guiára, caminhamos na treva, sem norte. Falham os documentos materiaes; e os escriptos não supprem a lacuna.

Chega, porém, o seculo 10.º, e então deparamos com os primeiros documentos authenticos a balbuciar-nos um nome, que pelas circumstancias topographicas quadra bem á povoação extincta.

A principio é uma designação vaga — *ciuitas albarelios, vila uocidada aluarelios,* que pouco diz ([29]). Mas em breve documentos dos annos de 990, 1052 e 1093 ([30]) precisam melhor que *civitas* ou *vila* foi aquella :

— «*Villa palmatianas*» que fica «*suptus castro aluarelius discurrente ribulo abe territorio portugalense*» ;

([29]) *Portugaliae monumenta historica.* Diplomata & Chartae: documentos dos annos de 907 e 979.

([30]) Ibid.

— «*Villa palmacianus suptus castro aluarelius*» ou

— «*Villa palmatianus subtus kastro aluarenga discorente ribolum peacelo*».

Era, pois, a cidade de PALMAZÃO ([31]).

Correm os seculos e a memoria do passado oblitera-se mais e mais.

Em tempos de D. Diniz já se não falla na *civitas albarelios* ou *villa palmatianus*; é o *couto de «palmazaãos»* dos filhos de *Ruy gonzalvez babillom* ([32]).

Depois... nada.

Quem interroga hoje os *cabaneiros* de Sobre-Sá, convence-se com estranheza de que nem na tradição se conservou o nome da antiga cidade, o nome de *Palmazão.*

([31]) A *civitas albarelios* era talvez o centro d'um dos 24 *populi* que Plinio attribue ao *conventus bracaraugustanus*.

([32]) V. nota ([1]).